

## PRIMEIRO ACTO

*Jardim. Está à vista uma parte da casa com terraço. Na alameda, debaixo do álamo velho, está posta a mesa para o chá. Bancos, cadeiras; num dos bancos, está a guitarra. Perto da mesa há um baloiço. — Passa das duas, o céu está carregado.*

.....  
*Marina (velha gorda, de poucos movimentos, está sentada ao lado do samovar, a tricotar uma meia) e Ástrov (passeia ao lado).*

MARINA (*enche um copo*) — Toma, paizinho.

ÁSTROV (*aceita o copo com pouca vontade*) — Não me apetece.

MARINA — Talvez queiras um copinho de vodca?

ÁSTROV — Não. Nem todos os dias bebo vodca. Além disso, está abafado.

*Pausa.*

Mãe Marina, há quanto tempo nos conhecemos?

MARINA (*reflectindo*) — Há quanto? Deixa cá ver...

Chegaste aqui, a esta terra... quando?... Ainda era viva a Vera Petrovna, a mãe da Sónia. Com ela viva, ainda cá vieste ver-nos durante dois invernos... Pois bem, devem ter passado então onze anos, ou coisa assim. (*Pensa um pouco.*) Ou mais...

ÁSTROV — Mudei muito desde então?

MARINA — Muito. Naquela altura eras um rapaz novo e bonito, agora envelheceste. Já não és aquele rapaz bonito. Já se sabe: bebes vodca, é também por isso.

ÁSTROV — Pois... Em dez anos tornei-me outra pessoa. Mas porquê? Trabalho demais, mãe Marina. Estou a pé de manhã à noite, não tenho sossego, e à noite, quando me meto debaixo dos cobertores, tenho medo que me obriguem a ir ver um doente. Desde que me conheces, este tempo todo, ainda não tive um único dia de folga. Então, envelheci... pudera não! E a vida, também, é um tédio, uma estupidez, é cá uma porcaria de vida... Atola-nos. À nossa volta é só gente esquisita, todos, sem excepção; vivemos ao pé deles dois ou três anos e, sem darmos por isso, ficamos também uns esquisitões. É fatal como o destino. (*Retorce os bigodes compridos.*) Olha só que bigode enorme... Bigode estúpido. Tornei-me um esquisitão, mãe Marina... Aparvalhar não me aparvalhei, Deus é misericordioso, ainda tenho a cabeça no lugar, mas os sentimentos é como se ficassem embotados. Não quero nada, não preciso de nada, não gosto de ninguém... Talvez só de

ti. (*Beija-a na cabeça.*) Na infância tinha uma ama como tu.

MARINA — Se calhar estás com fome?

ÁSTROV — Não. Na terceira semana da Quaresma fui a Malítskoe, uma epidemia... Tifo exantemático... As isbás a abarrotar de doentes. Imundície, um fedor, aquela fumarada, os vitelos pelo chão misturados com os doentes... Recos... Passei lá o dia todo a trabalhar, sem comer, sem uma pausa, depois voltei para casa, e olha, também não me deixaram descansar: trouxeram o agulheiro do caminho de ferro; ponho-o em cima da mesa para lhe fazer a operação, morre-me nas mãos de repente, na anestesia. Pois, e foi nesse momento, o mais inoportuno, que os meus sentimentos despertaram, fiquei com remorsos, como se o tivesse matado eu, de propósito... Sentei-me, fechei os olhos... assim... e pus-me a pensar: quem viver daqui a cem ou duzentos anos, aqueles para quem nós agora estamos a abrir o caminho, será que eles se vão lembrar de nós com palavras de carinho? Não, mãe Marina, não se vão lembrar de nós!

MARINA — Se as pessoas não se lembram, lembra-se Deus.

ÁSTROV — Obrigado. Disseste bem.

*Entra Vóinitski.*

VÓINITSKI (*saindo da porta de casa; dormira bem depois do primeiro almoço e tem um aspecto opado; senta-se no banco, ajeita a gravata janota*) — Pois...

*Pausa.*

Pois...

ÁSTROV — Dormiste bem?

VÓINITSKI — Pois... Muito bem. (*Boceja.*) Desde que o professor e a esposa vivem cá, a vida saiu dos eixos... Durmo a horas impróprias, ao pequeno almoço e ao almoço como um *cabus* qualquer, ou lá que é isso, bebo vinho... isso tudo não é saudável. Dantes não tínhamos um minuto livre, eu e Sónia, trabalhávamos, e de que maneira, mas agora só ela é que trabalha, e eu durmo, como, bebo... Não está bem!

MARINA (*meneando a cabeça*) — É uma confusão! O professor levanta-se ao meio-dia, e o samovar a ferver desde manhã, à espera dele. Quando eles cá não estavam almoçávamos sempre antes da uma, como toda a gente de bem, mas com eles, olha, depois das seis. O professor passa a noite a ler e a escrever, e de repente, já depois da uma da manhã, toca a campainha... Meu Deus, o que é agora? Quer chá! Toca de acordar as pessoas, aquecer-lhe o samovar... Uma confusão!

ÁSTROV — Quanto tempo eles ainda vão ficar aqui?

VÓINITSKI (*assobia*) — Cem anos. O professor resolveu instalar-se cá.

MARINA — Agora, por exemplo. O samovar já vai para duas horas que está na mesa, mas eles foram passear.

VÓINITSKI — Já vêm, já vêm... Não te preocupes.

*Ouvem-se vozes; do fundo do jardim, de regresso do passeio, vêm Serebriakov, Elena Andréevna, Sónia e Teléguin.*

SEREBRIAKOV — Excelente, excelente... Vistas maravilhosas.

TELÉGUIN — Vistas notáveis, excelência.

SÓNIA — Amanhã vamos à reserva florestal, papá. Queres ir?

VÓINITSKI — Meus senhores, vamos ao chá!

SEREBRIAKOV — Meus amigos, mandem levar-me o chá ao gabinete, por favor! Hoje ainda preciso de fazer algumas coisas.

SÓNIA — Vais gostar da floresta, tenho a certeza...

*Elena Andréevna, Serebriakov e Sónia entram em casa, Teléguin vai para a mesa e senta-se ao lado de Marina.*

VÓINITSKI — Está calor, e abafado, mas o nosso grande cientista anda de sobretudo, galochas, guarda-chuva e luvas.

ÁSTROV — Ou seja, protege-se.

VÓINITSKI — Mas que bonita ela é! Que beleza! Em toda a minha vida, nunca vi uma mulher tão bela.

TELÉGUIN — Quando ando pelo campo, Marina Timoféevna, ou a passear no jardim cheio de sombra, ou quando olho para esta mesa, delicio-me indizivelmente! O tempo está maravilhoso, os passarinhos cantam, vivemos todos em paz e concórdia... o que mais podemos desejar? (*Tomando o copo das mãos dela.*) Agradeço-lhe de todo o coração!

VÓINITSKI (*sonhador*) — Uns olhos... Que mulher divina!